

# cescontexto

## Visões de Justiça a partir das Teologias Feministas

“... que não haja indigentes entre vós.” –  
da dignidade e do porvir”

### Organização

Teresa Martinho Toldy

Fernanda Henriques

Nº 08

Novembro, 2014

# Debates

[www.ces.uc.pt/cescontexto](http://www.ces.uc.pt/cescontexto)



## **Propriedade e Edição/Property and Edition**

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

**[www.ces.uc.pt](http://www.ces.uc.pt)**

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: [cescontexto@ces.uc.pt](mailto:cescontexto@ces.uc.pt)

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

## **Comissão Editorial/Editorial Board**

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

## Agradecimentos

Impõem-se quatro tipos de agradecimento neste momento e lugar:

Às autoras e aos autores dos textos, pela generosidade com que os construíram e facultaram; ao CES, parceiro na realização do III Colóquio Internacional de Teologias Feministas do qual resultam estes textos, mais concretamente ainda, ao CES/Lisboa, que acolheu a iniciativa; à CESCONTEXTTO, por ter aceitado integrar este conjunto de textos no seu número 8 e, *last but not least*, à Igreja Evangélica Alemã de Lisboa, na pessoa da Pastora Anke Stalling, pelo apoio logístico à participação de Bärbel Wartenberg-Potter no Colóquio.

## Índice

<i>Teresa Martinho Toldy e Fernanda Henriques</i>	
Introdução .....	10
<i>Teresa Forcades i Vila</i>	
As falsas democracias e as consequências políticas da noção cristã de ‘pessoa’ .....	14
<i>Bärbel Wartenberg-Potter</i>	
Ser justos uns para com os outros: Reflexões bíblicas sobre as mulheres e a Criação .....	23
<i>Maria Julieta Mendes Dias</i>	
Justiça e Jesus de Nazaré.....	34
<i>Ivoni Richter Reimer</i>	
Comunhão e partilha como ruptura e transgressão de sistemas de dominação: Diaconia de mulheres nos Atos dos Apóstolos e no Brasil .....	40
<i>Antonina Wozna</i>	
Que se haga la justicia en la tierra, en el mundo empresarial y desde un enfoque feminista	57
<i>Teresa Martinho Toldy</i>	
“As invisíveis”: Contributos para uma teologia feminista pós-colonial em contexto português .....	63
<i>João Emanuel Diogo</i>	
Transparentes: Tópicos para uma teologia secular .....	72
<i>Marijke de Koning</i>	
Entre <i>Local</i> e <i>Global</i> : Quem tem <i>mercy on us</i> ? .....	78
<i>Maria Carlos Ramos</i>	
“... que não haja indigentes entre vós” .....	100



## Introdução

**Teresa Martinho Toldy,<sup>1</sup>** Universidade Fernando Pessoa e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra  
toldy@ufp.edu.pt; toldy@ces.uc.pt

**Fernanda Henriques,<sup>2</sup>** Universidade de Évora  
maria.mariafern@gmail.com

À memória de Joana Fialho

*Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta  
Continuará o jardim, o céu e o mar,  
E como hoje igualmente hão-de bailar  
As quatro estações à minha porta.  
(Sophia de Mello Breyner, *Quando*)*

Os textos aqui apresentados resultam do III Colóquio Internacional de Teologias Feministas, organizado pela Associação Portuguesa de Teologias Feministas, em parceria com o POLICREDOS. O tema escolhido para o colóquio em causa relaciona-se com a situação de crise vivida actualmente e com a relevância de uma reflexão teológica feminista sobre o mesmo. Como dizíamos no texto de convite à apresentação de comunicações: “Neste tempo de crise, as mulheres encontram-se entre as mais pobres de entre os pobres, juntamente com os seus filhos, mas também são heroínas que procuram, no seu dia-a-dia, negar a morte como última palavra da história.” O colóquio pretendia, pois, “trazer à luz e à fala discursos, práticas e reflexões de teologias feministas sobre a justiça enquanto lugar de dignidade, de denúncia do presente e de esperança para o futuro.”

A leitura destes contributos revela o seu carácter poliédrico. Este passa tanto por abordagens teológicas teóricas (que procuram equacionar a questão da justiça à luz dos textos e da tradição identitária cristã), como por abordagens teológicas a partir da emergência de práticas de emancipação ou, nas palavras de Ivoni Richter Reimer, “de ruptura e transgressão de sistemas de dominação”. O fio comum que entretete todos os textos é o da elaboração de teologias feministas “úteis”, isto é, que contribuam para formas de conhecimento teológico úteis, porque transformadoras da realidade, e plurais, porque cientes do carácter incompleto de todas as abordagens e da necessidade e riqueza de estabelecer pontes e laços entre vozes diferentes.

Uma das questões levantadas pela situação de crise vivida actualmente diz respeito à própria forma como as democracias representativas têm vindo a perder a sua efectividade,

---

<sup>1</sup> Doutorada em Teologia pela Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen (Frankfurt/Alemanha), Pós-doutorada pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Professora Associada com Agregação em Estudos Sociais na Universidade Fernando Pessoa (Porto). Docente desta universidade nas áreas da Ética, dos Estudos de Género e da Cidadania. Investigadora do CES, onde coordena o POLICREDOS. Presidente da Associação Portuguesa de Teologias Feministas.

<sup>2</sup> Docente na Universidade de Évora, desde 1995 e Doutorada em Filosofia, na área da Filosofia Contemporânea, pela mesma Universidade, com uma tese sobre Paul Ricoeur. Agregação em Filosofia e Género. Membro da Direcção da Associação Portuguesa de Teologias Feministas.

tornando-se “falsas democracias”, na medida em que, como nos diz Teresa Forcades i Vila, os sistemas de governo, “após permitirem aos seus cidadãos votar, legislam e governam contra os interesses e inclusivamente contra a vontade explícita da maioria”. Terá a teologia (concretamente, a teologia feminista) algo a dizer na construção de pressupostos renovadores para uma democracia verdadeiramente promotora de mecanismos de justiça? Teresa Forcades considera que sim e propõe a própria noção cristã de “persona” enquanto sujeito construtor de comunidade e de libertação comunitária, como um conceito inspirador de um “sujeito revolucionário que desmascare estas falsas democracias”, assumindo uma responsabilidade política pessoal e colectiva e potenciando a pluralidade e a superação de estereótipos de género, bem como reconhecendo que – nas palavras de Pedro Casaldàliga, citado pela autora – “só há dois absolutos: Deus e a fome”. O reconhecimento destes absolutos permite uma distância crítica face a todas as concretizações políticas, distância essa que Teresa Forcades concebe como uma atitude de “revolução permanente”, e não como o pretexto para uma atitude cínica face a qualquer sistema e, portanto, como uma forma de desinvestimento na construção de uma sociedade mais justa.

Bärbel Wartenberg-Potter, por seu turno, considera que a justiça deverá estender-se a toda a Criação. Para ser possível avançar práticas de justiça ecológicas, isto é, abrangentes de toda a criação e conscientes da interdependência de todas as criaturas, é necessário superar tanto uma teologia centrada no ser humano como “ponto alto de toda a vida criada”, como a ideia de que a máxima realização do ser humano como tal está na “sua capacidade e possibilidade de dominar os outros seres humanos e a natureza”, à semelhança de um Deus concebido como o “supremo interveniente” no mundo, “o Senhor onipotente”. Num texto que se refere à sua vasta experiência política e ecuménica, nomeadamente na África do Sul – experiência essa que Bärbel Wartenberg-Potter considera “um período de levantamento contra a discriminação”, concretamente, das mulheres – a autora relata de que forma chegou à intuição de que a “desconstrução das tradições patriarcais de interpretação da Bíblia” não só levam à construção de linguagens justas, inclusivas, como se perguntam acerca do lugar do ser humano no Universo”. Estas perguntas, quando colocadas em chave feminista, permitem chegar a “um paradigma teológico do cuidar e da preservação de toda a vida”, isto é, à “percepção da sacralidade de toda a vida criada”. O novo paradigma teológico supõe, segundo Bärbel Wartenberg-Potter, uma abertura às fontes religiosas, nomeadamente, dos povos indígenas, um diálogo com as ciências da natureza e uma amplificação da própria noção de sagrado, que, na sua perspectiva, passa pela “entrega do ser humano” a “Deus, a uma tarefa; a mãe e o pai a um filho, ao amor, à morte, à vida, à música, à natureza” – em suma, entrega a outros, incluindo-se aqui todas as formas de vida existentes na criação.

Julieta Mendes Dias pega precisamente na noção de justiça como ângulo de visão para toda a Criação, à luz da tradição bíblica, isto é, como “a ordem do mundo tal como Deus a instaurou”, para equacionar o seu potencial renovador e libertador. A autora cita a este propósito o grande teólogo sul-africano Albert Nolan, que afirma: “praticar a Justiça é endireitar o que está torcido, é restabelecer a própria ordem do mundo”. Mas esta ordem não é sinónimo de uma qualquer imposição divina à história e à humanidade. A justiça bíblica, nomeadamente, a de Jesus Cristo, constitui um outro nome para a compaixão, como a autora procura demonstrar, centrando-se em passagens dos evangelhos protagonizadas por mulheres. A justiça da atitude de Jesus (a compaixão como “sofrimento com...”) face a estas mulheres radica no reconhecimento e na denúncia da “existência de pobres, de indigentes, neste nosso mundo” como “fruto da injustiça radicada nos sistemas políticos, económicos e sociais vigentes”, e não numa qualquer fatalidade.

Ivoni Richter Reimer leva-nos numa viagem pela “fazedura’ das hermenêuticas bíblicas de libertação latino-americanas, a fim de elucidar a relevância e o valor das práxis diaconais de mulheres no contexto da interpretação, da teologia e da pastoral no Brasil e América Latina

das últimas décadas, práxis esta de misericordioso amor que constrói comunhão com e entre pessoas indigentes, a fim de transformar a sua e a nossa vida em constante processo de metánoia/conversão profunda e continuada.” A autora refaz o percurso das teologias da libertação na América Latina, enfatizando de forma particular a obra e o pensamento das teólogas feministas, portanto, demonstrando que “desde o início, nós mulheres estivemos presentes, da mesma forma como outras mulheres estiveram presentes, sempre, desde o início da história da salvação!” O caminho das teologias feministas da libertação, segundo Ivoni Richter Reimer, não passou nem passa apenas pela desconstrução dos textos fundacionais, mas passa também pela “reconstrução da história, da identidade e da participação de mulheres, crianças, pessoas empobrecidas e marginalizadas que já não aceitam passivamente o lugar a elas determinado, atribuído ou imposto”. Assim, a autora aponta os principais traços de uma hermenêutica feminista: ela constitui parte integrante da teologia da libertação, é ecuménica, processual, dinâmica e crítica. Estes traços reforçam, todos, o reconhecimento do “potencial transformador” das narrativas bíblicas (sobretudo, dos relatos centrados no papel das mulheres nas primeiras comunidades cristãs) “para dentro do *habitat* vital destes tempos histórico-eclesiais no Brasil”, segundo Ivoni Richter. Este potencial transformador anuncia que “a vida machucada” deve “ser liberta de qualquer jugo”.

Antonina Wozna apresenta-nos uma reflexão a partir de um ângulo completamente diverso e, à partida, aparentemente pouco “provável” no contexto das temáticas apresentadas até aqui: o ângulo empresarial e a procura de formas de exercício da liderança empresarial por mulheres. A leitura das primeiras linhas de Antonina Wozna depressa nos elucida acerca da perspectiva feminista do seu escrito. A autora recorda-nos que são as mulheres que suportam a carga económica em muitos países, sobretudo no continente africano, sem que os seus direitos sejam reconhecidos. São as mulheres que suportam a carga e a pressão do “triplo turno”, isto é, do trabalho profissional, da maternidade e da vida em casal. As mulheres “constituem a mão-de-obra barata no mundo empresarial dominado e dirigido pelos homens”. Neste contexto, coloca-se um desafio: as mulheres que alcançam lugares de poder, nomeadamente, nas empresas, deverão “marcar a diferença, evitar perpetuar os esquemas patriarcais” ou deverão repeti-los, para conseguirem afirmar-se? Que mecanismos de justiça poderão as mulheres introduzir nesses lugares? Retomando a reflexão de Eisler e de Mary Daly, Antonina Wozna analisa os mecanismos androcêntricos presentes na organização da sociedade, à escala global e local, afirmando que não basta actuar ao nível dos sintomas: é preciso actuar ao nível das causas. Assim, na sua perspectiva, não é relevante perguntar-se “como será o ano 2020” em categorias patriarcais (melhoria do rendimento da economia sustentável, maiores direitos das mulheres, cumprimento dos objetivos do milénio)”. Decisivo é descobrir que atitudes das mulheres podem introduzir a sua alteridade face ao *status quo* actual e não se deixar cair em armadilhas (como a de acreditar que a paridade constitui a solução para tudo). Antonina Wozna apela à relevância de uma perspectiva feminista ginocêntrica (na senda de Mary Daly) para a construção de uma nova forma de ser líder. Esta deverá deixar-se “interpelar pela memória interior do nosso ser que vibra nas ondas do mar e no núcleo da terra” e que, à luz da primeira lei da ecologia, nos recorda que “estamos todos interligados”. Neste sentido, “ser” (e recordando, mais uma vez, Mary Daly) entende-se como um verbo, uma remissão para a acção, e não para “a passividade ou resignação que pretendem impor-nos”.

O texto de Teresa Toldy, por sua vez, procura questionar formas de invisibilização na sociedade portuguesa, nomeadamente, a partir de um pensamento colonial e pós-colonial, que estabelece linhas de fronteira entre “os nossos” e os “outros” e, mais além, entre “os outros” e “aqueles que nem vemos”. Retomando as vozes dos feminismos pós-coloniais que chamam a atenção para a necessidade de análises interseccionais (nomeadamente, cruzando a questão do racismo com o sexismo), o seu texto procura contribuir para desbravar o caminho a uma

reflexão teológica em Portugal numa perspectiva pós-colonial e pós-colonial feminista (na sua perspectiva, ainda no grau zero ou quase, entre nós), isto é, a estudos críticos (de dentro das Igrejas, teológicos) sobre as implicações do cristianismo no processo colonial português. Do seu ponto de vista, existe uma necessidade premente de desenvolver estudos sobre as implicações das formas como as mulheres nativas foram vistas e como as mulheres migrantes ou as mulheres filhas de migrantes são vistas para um reflexão teológica feminista, isto é, crítica dos atropelos aos direitos das mulheres e expressiva das vozes de mulheres, numa perspectiva plural.

O texto que se lhe segue, da autoria de João Emanuel Diogo, também se debruça criticamente sobre as consequências das crenças e das suas interpretações. O autor propõe-se reflectir sobre as possibilidades de elaboração de uma teologia aconfessional, isto é (nas suas palavras), “uma teologia que não seja religiosamente direcionada”. Esta procurará encontrar um modelo de leitura dos textos fundacionais no qual não se parta do princípio de que o leitor é sempre o crente e o autor é sempre Deus e no qual se atenda predominantemente às consequências éticas dos textos e das interpretações dos mesmos para os seus leitores. Neste sentido, João Diogo considera que a sua perspectiva o aproxima das teologias feministas, nomeadamente, de Elizabeth Schüssler Fiorenza.

O texto de Marijke de Koning também nos fala de consequências da crença, da teologia, das imagens e das representações de Deus para diversas situações existenciais nas quais se experimenta a vulnerabilidade, o desejo de futuro, a compaixão e a possibilidade de “uma ética capaz de sustentar e inspirar novas formas de aprender e organizar, num movimento circular constante de improvisação e sintonização e numa dinâmica de co-criação”. Marijke de Koning procura rastros de relação e libertação a dois tempos ou melhor, em dois relatos de situações bastante diferentes, mas passíveis de interpretação a partir deste denominador comum (“who has mercy on us?”): dois projectos de mulheres na área da educação não formal e a experiência da despedida voluntária da vida de uma sua amiga. Em ambas as situações está em causa, segundo a autora (e citando Christa Anbeek), “alargar a própria experiência com a de outras pessoas, não apenas para ajudar e cuidar, mas assumindo como ponto de partida a própria vulnerabilidade”. Este é, para Marijke de Koning, o papel de uma teologia libertadora, mesmo (ou precisamente) nas situações em que “a traição do corpo se torna incontornável” e em que o “ser com o outro” (“Tu que me fazes ser eu”, como diz Oosterhuis, citado pela autora) terá o poder de fazer a diferença (radical) entre o não-sentido e a linha do poema de Elgemann (também citado por Marijke de Koning), no qual se diz: “Atrás do firmamento/existe a luz que tudo conhece”. É desta linha de uma vida esticada “até se entender do princípio ao fim da sua visibilidade” que este texto nos fala, evocando “a participação de cada ser humano nas tarefas infinitas”, para concluir que podemos ser “parte muito finita” da história, mas fazemos parte “de uma história infinita.”

A publicação que aqui apresentamos termina com um apelo à audição da intervenção de Maria Carlos Ramos, que, não tendo sido passada a texto, constitui uma leitura explosiva e revolucionária da situação da dívida portuguesa à luz do conceito bíblico de “ano sabático”, isto é, o ano de perdão de todas as dívidas.

Esperamos que a leitura destes textos constitua uma oportunidade para prosseguir diálogos e articulações de conhecimentos, visões e expectativas teológicas – sempre em chave feminista.



## Entre *Local* e *Global*: Quem tem *mercy on us*?

Marijke de Koning,<sup>1</sup> GRAAL  
mhdekoning@sapo.pt

**Resumo:** Movendo-se entre dois momentos no tempo, a partir do mesmo local a autora procura abordar as seguintes questões: Quais são as “condições de aterragem” e as potencialidades de novas viagens de aprendizagem com jovens e gente adulta 25 anos depois, quando o mundo de hoje se caracteriza por um poder de interligação global determinante na construção das identidades? Será que neste mundo tão menos local – ou tão mais global – vamos conseguir criar novas formas de solidariedade e construir uma cidadania mundial? Que “fé” pode unir em projetos que valorizam os laços do Local, mulheres, homens, jovens e crianças que vivem num espaço tão global? Há lugar para o mercy? Como reaprender e reorganizar sem nos perdermos na complexidade?

**Palavras-chave:** local, global, fé, misericórdia, vulnerabilidade.

### Introdução

Neste texto “levanto voo” do Centro do Graal da Golegã, a partir de quatro programas residenciais de formação realizados entre Março de 1987 e Outubro de 1988 com jovens mulheres, oriundas do mundo rural do norte e centro de Portugal, no âmbito do projeto **MODELO (Mulheres Organizam-se para o DEenvolvimento LOcal)** que decorreu entre 1985 e 1990 no norte do país e do qual fui coordenadora.

Desde outubro de 2012 estou de novo envolvida em iniciativas de educação não-formal no Centro do Graal da Golegã, nomeadamente no programa **Raízes, Chão e Horizontes – Círculos e Percursos de Literacia Criativa e Recíproca**, que conta com a participação de pessoas e entidades dos concelhos da Golegã e limítrofes. E no âmbito deste programa surgiu em 2013 um novo projeto, selecionado em Dezembro de 2013 pela presidência da Fundação Calouste Gulbenkian para financiamento: **Encontro com o outro – Afeto Inclusivo e Cidadania Ativa**.

Movendo-me entre estes dois tempos a partir do mesmo local vou tentar abordar as seguintes questões: Quais são as “condições de aterragem” e as potencialidades de novas viagens de aprendizagem com jovens e gente adulta 25 anos depois, quando o mundo de hoje se caracteriza por um poder de interligação global determinante na construção das identidades? Será que neste mundo tão menos local – ou tão mais global – vamos conseguir criar novas formas de solidariedade e construir uma cidadania mundial? Que “fé” pode unir em projetos que valorizam os laços do *Local*, mulheres, homens, jovens e crianças que vivem

---

<sup>1</sup> Pedagoga social, natural da Holanda e membro do Graal Internacional.

No Graal em Portugal tem tido responsabilidades em vários projetos de animação comunitária, na educação não-formal com jovens e adultos/as. Realizou alguns trabalhos de investigação sobre as metodologias utilizadas nestes contextos. Atualmente trabalha como voluntária na coordenação pedagógica do projeto ECO, que se realiza a partir do Centro do Graal na Golegã.

num espaço tão *global*? Há lugar para o *mercy*? Como reaprender e reorganizar sem nos perdermos na complexidade?

Nos Realces 1 “exponho” o projeto MODELO, algo do desejo de futuro e da vulnerabilidade que o atravessavam, sem querer abarcar o que se fez. Depois “levanto voo” e abordarei as questões que me movem nesta escrita, viajando “entre textos” e tentando explorar algo dos seus espaços em branco, espaços que se abrem à busca, produzindo sussurros do tácito que se quer articular em palavras. Na parte final tentarei situar as iniciativas em curso no âmbito dos acima referidos Programa e Projeto na Golegã, com o objetivo de preparar um chão para uma ética partilhável, estruturante de práticas e sempre em construção. Uma ética capaz de sustentar e inspirar novas formas de aprender e organizar, num movimento circular constante de improvisação e sintonização e numa dinâmica de co-criação.

Nestas páginas haverá apenas uma tentativa de *déclousion*, no “sentido de retirar as vedações: «descercamentos», «descerramentos»”.<sup>2</sup> O presente texto, que é a reescrita da comunicação apresentada no colóquio no dia 16 de novembro de 2013, é atravessado por uma experiência posterior de uma vulnerabilidade extrema, que necessitou de toda a compaixão possível e que decidi aqui partilhar. O que podem ser possíveis “respostas” à luz da tradição cristã?

#### **Realces 1: Projeto MODELO (Mulheres Organizam-se para o DEsenvolvimento LOcal)**

Eram objetivos deste projeto: (1). Valorizar o artesanato e artigos de vestuário produzidos por mulheres em zonas rurais do norte do país; (2). Apoiar estas mulheres na organização da produção e na comercialização dos artigos; (3). Proporcionar programas de formação a jovens mulheres que desejam participar em iniciativas que visem o desenvolvimento local, através da criação de pequenas empresas de artesanato; (4). Estimular a colaboração de organismos oficiais e outros como a Comissão da Condição Feminina, a Secretaria de Estado da Cultura, o Centro de Artes tradicionais no Porto, Câmaras, o IEFP e a APME.

Foram 17 os locais abrangidos pelo projeto, nos distritos do Porto, Viana de Castelo, Chaves e Braga. Participaram 35 mulheres com mais de 25 anos de idade das quais 11 funcionaram localmente como monitoras de tecelagem, bordados, malhas e costura em ações de formação profissional. Os programas de formação com cerca de 150 jovens (entre 16 e 25 anos) realizados nas aldeias pretendiam, além de contribuir para a criação de postos de trabalho na área do artesanato, proporcionar um espaço de aprendizagens múltiplas num contexto de conscientização de mulheres.

Além dos programas locais houve quatro programas residenciais de 3 semanas na Golegã em que participaram 75 raparigas. Para quase todas foi a primeira vez que saíram sozinhas de casa. Com alguns excertos de textos enviados pelas participantes em 1991, num dos inquéritos realizados no pós-projeto, abro apenas uma janela sobre as suas vidas e os seus sonhos:

- *Gostaria de viver do meu trabalho no meu país, mantendo a tradição de lã e linho, mas não há meios. Estou a trabalhar para a Câmara Municipal de Montalegre.*

---

<sup>2</sup> Referência no “Preâmbulo” de Paulo Pires do Vale ao Catálogo da exposição *Tarefas Infinitas* (p. 11), que se realizou em 2012 na Fundação Calouste Gulbenkian.

- Nesta altura encontro-me fora do país. Estou a dar um curso de formação profissional em França na área das rendas e dos bordados. (...) Quando regressar a Portugal volto a trabalhar no Centro de Artesanato.

- Eu trabalho numa fábrica de confecções que abriu em Novembro. Esteve difícil mas agora já vai subindo. É bom para eles e para nós que precisamos de emprego. Eu agora estou como costureira. Depois de nos esforçarmos é bom que avaliem o nosso trabalho. (...) A Amizade é a coisa mais bela que existe em todo o mundo. **A Amizade não se compra nem se vende, mas se DÁ.**

- Quando acabei o programa, fui para o Porto estudar contabilidade e gestão (...) junto com mais 17 mulheres, formei uma cooperativa de artesanato. Conheci o homem que é hoje o meu marido. Trabalhava na Suíça como padeiro e quis levar-me com ele. (...) Cá estou, muito feliz. Ainda não tenho filhos, mas espero tê-los. (...) Não estou arrependida mas tenho pena da cooperativa. Ela continua com as mulheres a trabalhar todos os dias.

- Estou como sempre a lutar pelo meu sonho, mas nesta aldeia é muito difícil conseguir alguma coisa. Mas eu **não vou desistir porque eu queria ter esse sonho realizado.** Com respeito a notícias, eu acho que não tenho porque a minha vida é sempre a mesma coisa, não tem notícias.

## Levantando voo. *Oh my God have mercy*

*Corra ao nosso encontro a vossa misericórdia,  
porque somos tão miseráveis (Salmo 79)*

Quando no dia 7 de julho de 2013 comecei a escrever o resumo da comunicação a apresentar no III Colóquio de Teologias Feministas no dia 16 de novembro, um Boeing 777 da Coreia do Sul fez uma “crash landing” no aeroporto internacional de São Francisco. Morrem duas raparigas chinesas de 16 anos, numa idade igual à das participantes do projeto MODELO. Sonhos interrompidos violentamente. No dia seguinte ao desastre apareceu um vídeo na Internet com as imagens desta aterragem na pista do aeroporto, acompanhadas por uma voz: “Oh my God, Oh my God, Oh my God, have mercy”.<sup>3</sup>

Em que se terão transformado os sonhos das raparigas com quem “levantámos voo” há 25 anos no projeto MODELO? As suas vidas “terão notícias”? Como andarão pelas estradas das suas vidas que duram em média já quarenta e cinco anos? Com um olhar de ver? Vemos o “outro”? No meio de oportunidades e da vulnerabilidade de todos/as nós, temos piedade, misericórdia, compaixão? Ou, se “alguém chama por nós, não respondemos, e se alguém nos pede amor não estremecemos, como frutos de sombra sem sabor vamos caindo ao chão, apodrecidos”<sup>4</sup>? *Kýrie* eléison, pedido dirigido a Deus nas liturgias das Igrejas cristãs e nas orações de crentes. *Erbarne dich, mein Gott*, de Bach ou com a voz da contralto libanesa Fadia el-Hage *Erbarne dich, allah*.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> <http://twitchy.com/2013/07/07/oh-my-god-video-of-moment-boeing-777-crashed-at-san-francisco-international-airport/>.

<sup>4</sup> *In As Mãos e os Frutos* de Eugénio de Andrade. Excertos do poema utilizado por Isabel Allegro numa “meditação orante” no Espaço de Meditação Semanal (H)Alto, no Terraço, centro do Graal em Lisboa. <http://www.graal.org.pt/encontro.php?id=37>

<sup>5</sup> [www.youtube.com/watch?v=TErG0e-xh8A](http://www.youtube.com/watch?v=TErG0e-xh8A).

*Oh my God, have mercy.* Prece espontânea perante catástrofes coletivas e pessoais. Quem tem *mercy*? *God has mercy*? E se não encontrarmos sentido em pedir proteção a Deus, a quem recorrer? E se não houver compaixão de/ou para as pessoas com quem nos cruzamos? A falta de misericórdia é uma questão de injustiça ou é “apenas” falta de caridade, de *charity*? *Where there is charity and loving friendship, there is God*, cantamos no Graal. *Justiça e direito são as bases da cidade que Deus espera dos homens*, frase única numa folha solta no arquivo Maria de Lourdes Pintasilgo.

Como organizar a aprendizagem do *afeto inclusivo* para que possa ser estruturante na ordenação de uma *polis* justa, eticamente sustentada, não apenas por leis, mas por uma *Weisung* (Buber), uma “indicação” benéfica, uma ajuda frutífera na orientação e construção do caminho de vida de cada um/a nas comunidades locais globalizadas a que pertencemos, uma vida ao encontro do “outro”?

## Entre Local e Global - 25 anos depois

O que mudou durante o instante da eternidade que atravessámos desde 1988? O que foi importante (para mim/nós) naquela época? Visto a esta distância acho possível distinguir dois temas estruturantes na praxis educativa dos projetos naqueles tempos: *Relação e Libertação*.

Para ilustrar estes temas numa perspetiva “teológica”, recorro à revista holandesa “Bazuin” (Trombeta) um “semanário de opinião para a Igreja e a Sociedade”, que me inspirava na época e da qual guardo religiosamente uma pasta com recortes. (Desde os anos cinquenta este semanário ecuménico desenvolveu-se como um canal de informação de católicos progressistas. Nos anos oitenta deu voz ao Movimento *Oito de Maio*, movimento de protesto contra o poder da hierarquia na Igreja de Roma. Terminou a sua edição em 2002, quando formou com um seminário da Igreja Reformada a Revista *Volzin*, Magazine para uma vida com sentido, mais secularizado, mais vendável nos tempos de hoje).<sup>6</sup>

### 1. Relação (“A Amizade não se compra, nem se vende...”)

O primeiro artigo é do Bazuin de 28 de outubro de 1988, de Anneke Kok, uma estudante de teologia na altura. Escreve sobre a teóloga Americana Isabel Carter Heyward, que “não tem papas na língua”. Segundo Carter Heyward a teologia tem de ser funcional, tem de ter efeito na construção de justiça, aqui e agora. Nada de especulações sobre a “essência” de Deus, há mais que fazer. (...) ‘In the beginning is relation’ (...) Carter Heyward lembra como no Novo Testamento Jesus usa a força no sentido de *Dynamis*, o poder que vem do interior, [em vez de *Exousia*, que é um poder delegado]. “Acreditar nesta força é acreditar em Deus. (...) Jesus mostrou como usar este poder para criar relações corretas e assim promover a justiça. (...) O que Jesus fez foi restabelecer relações. O amor é justiça atualizada, algo que está ao alcance de toda gente. (...) Deus deve funcionar. De tal maneira que se transforme num *verbo*: ‘ I god, you god, she gods, we god’” (Kok, 1988: 10-11), que, traduzido, seria ‘Eu deuso, tu deusas, ela deusa, nós deusamos’.

---

<sup>6</sup> <http://www.volzin.nu/>



## 2. Libertação (“não vou desistir do meu sonho”)

O segundo é de um artigo da teóloga feminista Annelies van Heijst que comenta no Bazuin de 2 de novembro de 1990 a tese de doutoramento de Erik Borgman, intitulada: *Traços do Deus libertador: teologia universitária em relação à teologia latino-americana da libertação, à teologia negra e à teologia feminista*. Borgman é atualmente professor catedrático no Tilburg School of Humanities, Department of Culture Studies. Apenas refiro uma parte do artigo em que van Heijst refere o respeito de Borgman pelo trabalho de Schillebeeckx, mas em que ele considera a visão de Schillebeeckx sobre a mensagem de Jesus abstrata. Com Jesus, Deus diz radicalmente “não” à história do sofrimento humano. Para Borgman a visão de Schillebeeckx é abstrata porque não se conecta com a situação concreta dos que ‘têm fome e choram’. O Deus que deve ser procurado pelos teólogos académicos é aquele que se deixa conhecer no salmo 77, verso 20: “A tua estrada atravessou o mar/ o teu caminho passou pelas extensas águas/mas o rasto dos teus passos ficou invisível”. Segundo Borgman é tarefa dos/as teólogos/as trabalhar concretamente para a libertação.

### Just Do It, 25 anos depois: o novo ingrediente “emancipatório”

Na época em que decorreram os programas de formação no projeto acima referido – e para quem estava no terreno, no *chão* dos projetos educativos emancipatórios como eu, *Relação* e *Libertação* foram palavras-chave em contextos de conscientização de adultos/as e jovens. Entretanto já nos anos oitenta do século XX estavam a ser cozinhados outros ingredientes que iriam modificar bastante esta visão do mundo mais “in” na altura, visão libertadora, mas solidária. O filósofo e psicanalista Carlo Strenger formula-o assim no seu livro *O medo da Insignificância* (2011: 67): “Ser tocado por Deus foi substituído pela qualidade mágica de ser conhecido e admirado pelas massas.” Os sistemas religiosos foram substituídos pelo sistema *infotainment*, sistema de informação-entretenimento global, e celebridades substituem os santos e os profetas. A *Dynamis*, força interior que animava o desejo de libertação, sofreu a corrosão da mensagem dominante do sistema do *infotainment Just Do It*, que não deixa espaço para limites (idem), que sugere que é possível tudo alcançar. Segundo Sterner, e nós o sabemos bem, as duas décadas do *Just Do It* criaram uma enorme riqueza material, cada vez menos distribuída. “Nunca tinham existido tantos multimilionários (em 2008, o número destes tinha ultrapassado o limiar dos cem mil em todo o mundo) e nunca o topo de 0,5 por cento da população tinha ganho tanto dinheiro como hoje” (idem: 71).

### Quem tem mercy?

Daniel Goleman, autor da *Inteligência Emocional*, fez em 2007 uma conferência *online* na TED sobre a compaixão<sup>7</sup>, abordando a compaixão ao nível pessoal. Pergunta porque é que, tendo nós tantas oportunidades de ajudar outras pessoas, às vezes o fazemos e outras vezes não. Refere uma experiência de investigação feita no Princeton Theological Seminar com estudantes de teologia, que foram divididos em dois grupos para o efeito. Todos recebem a

---

<sup>7</sup> [http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/daniel\\_goleman\\_on\\_compassion.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/daniel_goleman_on_compassion.html).

mesma tarefa: preparar um sermão. O primeiro grupo tem como tarefa falar sobre a parábola do Bom Samaritano, o segundo sobre um tema bíblico qualquer. Todos têm de ir dar o sermão e para isso é preciso sair do edifício onde estão, atravessar a rua e entrar num segundo edifício, onde irão falar. Na rua por onde eles passam está uma pessoa deitada no chão, gemendo e chorando. Algum estudante parou para saber se a pessoa precisava de algo? Não, também não os que tinham de ir falar do Bom Samaritano. “Como se explica isto?”, pergunta Goleman. Estamos muito apressados/as e muito absorvidos/as e focados/as em nós próprios/as. Muitas vezes não vemos o outro. Assim não podemos ter *mercy*.



Cartaz do filme *Lágrimas e Suspiros* de Ingmar Bergman (1973)

### Limites, vulnerabilidades e teologia

Parece-me evidente que a ideologia do *Just Do It* reforçou esta “auto-centração”. Strenger constata que esta ideologia impediu que vivêssemos as nossas vidas com significado, e na esteira de Jaspers, lembra que é a capacidade de enfrentar situações-limite que nos permite lidar com as tragédias das nossas identidades individuais e coletivas. E que é isso que nos dá sentido. (Strenger 2011: 109).

A nossa situação existencial é de um artista que nunca pode adquirir os materiais para a sua criação de acordo com um plano concebido previamente; mas como aquele que faz *bricolage* devemos pegar nos materiais que encontramos à nossa volta e tentar transformá-los na criação da nossa vida. (idem: 115)

Mobiliza a expressão “aceitação ativa de si mesmo” que implica “aceitar o chamamento existencial para sermos o que podemos ser” (Strenger: 134). Passo a passo, abrindo espaço para pensar e agir e não *Just Do It*.

A teóloga e membro do Graal na Holanda Christa Anbeek<sup>8</sup> afirma, inspirada pelo Budismo e por Espinosa, que são as nossas preferências e as nossas aversões que nos fazem sofrer mais. Temos a tendência, devido à nossa ignorância, de querer aumentar os sentimentos agradáveis e de escapar aos desagradáveis. “Agarramo-nos àquilo que é passageiro: uma boa

---

<sup>8</sup> Christa Anbeek é, desde 1 setembro de 2013, a primeira professora catedrática de teologia no Seminário Armeniano, sediado na Faculdade de Teologia da Vrije Universiteit de Amsterdão.

saúde, felicidade, dias bonitos. No dia em que estes passam, sofreremos porque somos incapazes de aceitar, com o mesmo espírito, aquilo que se apresenta: dia e noite, calor e frio, saúde e doença, vida e morte”, escreve ela no ensaio *A montanha da alma* (2013a: 151), publicado em coautoria com Ada de Jong, uma mulher holandesa que viu cair e morrer o seu marido e três filhos quando desciam uma montanha e que participa no livro com a sua experiência de perda e com a questão: “como continuar, agora que é tudo diferente?”.

Christa Anbeek propõe persistir na alegria, apesar da inevitabilidade das leis da natureza. E em *Entregues aos Pagãos. Como a teologia pode sobreviver ao século XXI* (2013,b) afirma que “no país dos teólogos não estamos habituados a partir da própria experiência de uma forma aberta e compreensível, menos ainda a dar-lhe espaço nas reflexões teológicas” e que é necessário alargar a própria experiência com a de outras pessoas, não apenas para ajudar e cuidar, mas assumindo como ponto de partida a própria vulnerabilidade (2013b: 53). A teologia faz-se ouvir quando “sabe expressar experiências de preciosidade, de ameaça e de vulnerabilidade e quando for capaz de despoletar uma discussão sobre estas experiências” (idem: 57). Segundo Anbeek é importante fazer teologia em conversa com outras tradições filosóficas e religiosas, o que permite ligar-nos a orientações éticas de outros tempos e culturas e nos conectar com pessoas que viveram vulnerabilidades parecidas com, ou diferentes das nossas (idem: 74). Nesta conversa com outras tradições, a Christa parte da teologia cristã sistemática. O diálogo com outras tradições levará a uma abordagem “ecclética” que para ela tem uma grande vantagem.

A inteireza e a libertação do indivíduo e da comunidade não têm de ser encontradas num sistema teológico perfeito, mais ainda, isto é exatamente o perigo que espreita constantemente. A teologia tem de servir, como afirmava Maarten Luther (1483 -1546) e não tem de ser um fim em si. (idem: 58)

Perspetivar as experiências de vulnerabilidade com os *insights* da teologia sistemática cristã, abre para Anbeek novas perspetivas. “Ligando as nossas próprias experiências com a tradição permite tornar visível um leque de cores e brilhos intensos. Temos muito mais coisas para contar do que imaginamos. Nós próprias vivemos a teologia sistemática” (idem: 73).

### Quando a traição do corpo se torna incontornável

“Eu própria sou o meu pastor/nada me falta”, assim inicia Christa Anbeek (2013a: 224) a sua reescrita do salmo 23, no contexto de um trabalho sobre um dos temas atuais do nosso mundo de hoje: a eutanásia. Tenho tentado estar “perto” de Anja Onderwater que mencionei o ano passado no meu texto “Entre corpos. Afeto Inclusivo” publicado em *Quem me tocou. O corpo na simbólica religiosa* (coordenação de Fernanda Henriques e Teresa Toldy). A Anja decidiu preparar a opção de eutanásia para o momento em que a doença lhe tirasse o que ainda lhe resta de qualidade de vida. Quando ficou doente em 2012, com 51 anos de idade, sem perspectiva de cura, tinha acabado de chegar ao topo da sua carreira profissional. Ia assumir um novo emprego como gestora num hospital. Em outubro de 2013 escreveu, a pedido da sua médica oncologista e enquanto paciente, um comentário sobre um estudo intitulado *Deve-se fazer tudo o que se pode? (Moet alles wat kan?) Questões à volta de decisões médicas relativas ao início e ao fim da vida*. Progressivamente, a sua qualidade de vida tem diminuído, mas persiste e resiste ainda à definição de falta dela. Foi organizando o mais possível a fase final da sua vida, inclusive a cerimónia fúnebre e o lugar onde ser enterrada. Escolheu um espaço debaixo de uma árvore, numa floresta. Nos últimos meses, estive várias vezes com ela e tive muito contacto via telefone, *skype* e *email*. Participei na construção da cerimónia a seu pedido. Sendo ela de origem católica, e apesar de não ser crente em Deus, quer que haja uma

celebração numa igreja. Falou com o padre André Goumans, da “sua” paróquia, que sugeriu que houvesse um texto bíblico na celebração. Deu-lhe a ler o livro do Eclesiastes para ela escolher excertos. Ajudei-a a preparar uma “liturgia da palavra” que fazia sentido, tanto para ela, como para os seus muitos amigos não crentes. A palavra “Deus” não podia constar. E assim será. Gostou do apoio e da compreensão (compaixão) de Goumans, que afirma: “Ao longo dos anos descobri que a vulnerabilidade é uma palavra-chave no meu ministério.”<sup>9</sup>

Dos textos que sugeri, a Anja escolheu o poema “Kentering”( “Viragem”) do livro *Ik ga maar en blijf* (*Apenas vou e fico*) de J. C. van Schagen:

Ouvi chamar, compreendi  
estava a trabalhar nas minhas tarefas, tinha muita coisa em mãos  
estava tudo bem calculado, organizado e programado  
houve agendas para cada dia  
e eu sabia sempre que horas eram e o que tinha que terminar hoje  
trabalhava metodicamente, para um sistema sólido  
o meu tempo estava dividido e uma campainha avisava perto do  
fim da linha  
eu enumerava os dias, ordenava as semanas e enchia-as  
antecipadamente  
governava o ano e enchia-o, como um chouriço  
sim, eu estava ocupada e com dificuldades e muito calor, porque muitas vezes  
algo fálhou  
devido ao comportamento imprevisível da realidade, sem regra ou  
forma  
e eu tive que arranjar-me como uma formiga com um pedacinho de madeira,  
sete vezes subir o mesmo torrão de terra  
mas ganhei muito e estava gordo o registo dos meus  
haveres  
apenas houve um sussurro e eu fui embora  
agora sopra uma brisa fresca à volta das minhas fontes  
estou deitada e decomposta num amplo descanso  
sei agora, daqui para a frente pertenco a um trabalho, que é silencioso  
e secreto  
que é das árvores, que oscilam com o vento , que é do  
sol, que brilha sobre o rio  
que é da chuva, que sussurra na erva, que é dos  
olhos húmidos de animais  
agora vou ser sempre livre e perder tudo  
só vou andar e velar  
sim, agora talvez nada mais vá terminar

---

<sup>9</sup> <https://www.google.pt/#q=pastoor+goumans+parochie+sint+maarten>.





**Bétulas no outono - Anja Onderwater**

O que mais preocupa a Anja neste momento é saber como e quando vai ser capaz de tomar a decisão que termina a sua vida. Ela própria está a conseguir ser a sua pastora, sabendo que tudo lhe vai faltar? Admiro infinitamente a coragem que está a demonstrar. Ninguém sabe o que acontece no espaço em branco entre as duas partes do texto de vida de uma pessoa. Qual o sussurro que permite ir embora e aceitar que nada mais se vai poder terminar? De onde “corre a misericórdia ao seu encontro” (Salmo 79) quando não pode chamar por Deus?

### **Fé em GOD?**

Segundo o teólogo alemão Wolfhart Pannenberg referido por Christa Anbeek (2013a:), nós não queremos não ser vistas, não notadas pelos outros, nem na nossa felicidade, nem na infelicidade. A partir de uma necessidade básica de confiança

projetamos uma garantia infinita da nossa confiança ilimitada: Deus. Para Pannenberg a teoria da projeção não significa um argumento contra a existência de Deus, mas, pelo contrário, a favor desta existência. A partir de dados das ciências humanas é racional supor a existência de Deus. Porém, Pannenberg não vê isto como uma prova a favor da existência de Deus. No fundo a fé continua a ser um salto em águas profundas. (idem: 74-75)

A Anja não “projeta” a sua confiança em Deus. É “vista” e apoiada numa rede de afetos de muitos amigos e amigas e familiares. A misericórdia corre daí.

Pergunto às “teologias” se em vez de “ter fé” em Deus não se trata antes de um “saber”? “Acreditar em Deus ou saber que existe” foi o título de uma comunicação que não cheguei a apresentar em 2012 por motivos de doença. Este saber seria uma forma de conhecimento. Não o saber da demonstração, mas um saber transformado por cada pessoa e grupos de pessoas numa sinfonia de imaginação, razão e intuição (os níveis de conhecimento de Espinosa). Um

“saber” muitas vezes não suficientemente ruminado. E não “traduzido” num “projeto de vida” feito de humanização e de encarnação de valores. Será que este saber pode ser tácito? Andar à deriva dentro de nós em *espaços em branco* não explorados? E se a teologia conseguisse ajudar a pescar este saber nas águas profundas das experiências de preciosidade, de ameaça e de vulnerabilidade como nos propõe Christa Anbeek? Será que pessoas como Anja, que nasceram numa tradição religiosa explícita e não “reescreveram” os registos desta tradição nos seus “ir-sendo”, poderiam chegar a esse saber e querer recorrer a ele na construção de sentido, no consolo nas aflições? Como?

Tjeu van den Berk refere, no seu livro *Mistagogia – Uma iniciação na consciência simbólica* (1999), uma passagem do fim de vida do psiquiatra Carl Gustav Jung (1875 – 1961):

No fim da sua vida um jornalista pergunta-lhe: ‘Acreditou em Deus?’ e ‘Acredita em Deus?’. À primeira pergunta Jung responde ‘Ah, sim.’ E à segunda: ‘Agora? Isto é difícil de responder. [Pausa] Eu *sei*. Eu não preciso de acreditar. Eu *sei*.’ Quando ‘acreditar’ é descrito como algo que recebemos sob autoridade de alguém ou de uma instituição, e ‘saber’ é representado como uma convicção que se baseia na própria experiência, trata-se de dois ângulos diferentes de aproximar a questão, mas para Jung nunca se tratava de abolir simplesmente os dogmas antigos por sua própria iniciativa. Provavelmente nestes dogmas são formuladas verdades que encontram um eco na alma humana” (14).

Poderemos escalar a montanha da alma, como propõe Christa Anbeek, com o suporte da teologia cristã sistemática? A começar pela “inventariação da experiência”, como se de um processo de aprendizagem pela conversa<sup>10</sup> se tratasse? Que experiências podem abrir as brechas que permitam “transcender” o nosso código sociocultural em que não há lugar para *GOD*?

### “Claro que sim: Just try it”

O dia 31 de março 2014 foi o dia em que Anja pôs fim, com a ajuda da sua médica, ao seu sofrimento insuportável. Soube da data dois dias antes e escrevi-lhe uma mensagem a perguntar se ela ainda queria que lhe telefonasse. “Claro que sim, *just try it*” foi a sua resposta. Restavam-lhe escassas 24 horas de vida e falámos durante 15 minutos. Disse-lhe que senti na sua resposta que me estava a tentar consolar. Ela ia morrer e uma parte de mim com ela, porque “tu fazes-me ser eu” (Oosterhuis). Ela disse: “Tenho muito medo, medo de amanhã não ter a coragem. Mas a médica sabe que tenho medo e entende. Não vai ser interpretado como eu não querer dar o passo”. Prometi-lhe acender uma vela e, com muitas outras pessoas, juntar-me a ela.

---

<sup>10</sup> A metodologia de aprendizagem pela conversa foi elaborada por Ann Baker, Patricia Jenson e David Kolb em *Conversational Learning: an experiential approach to knowledge creation* (2002).



### Anja num passeio num “barco de sussurro” (fluisterboot) no verão de 2013

Disse-lhe que ela ia continuar a viver em cada um e cada uma de nós. Ela “apenas vai e fica” (van Schagen). Perguntei-lhe ainda se podia colocar o seu nome completo neste artigo. Disse que sim. É uma forma de continuar a ser vista, também na sua vulnerabilidade, como referia Christa Anbeek. Na manhã do dia 31 de março uma última mensagem via correio electrónico: “Tive tantas, tantas dores, a minha decisão está certa”.

Quero aplicar a sua penúltima mensagem de *Just try it* como lema para as tarefas infinitas de sintonização com o “outro”, como contraponto ao *Just do it* autocentrado. A morte pela eutanásia é também um *I do it*, mas sem o *just*. O que senti foi um aumento da minha responsabilidade por ela.

No seu curso na Sorbonne “A morte e o Tempo” Levinas disse: “A morte (...) não é capaz de medir todo o alcance da morte, a não ser fazendo-se responsabilidade por outrem – responsabilidade pela qual, na realidade, nos fazemos nós próprios: fazemo-nos nós próprias através desta responsabilidade, incessável, não delegável” (2012, 19793: 69-70). Uma morte escolhida racionalmente, decisão atravessada com tanto desejo de vida e atenção aos outros, faz que se intensifique a compaixão que se concentre num tempo que vai ser já interrompido.

O padre André Goumans autorizou, a meu pedido, que publicasse algumas das palavras que proferiu na celebração de despedida da Anja, que teve lugar na igreja paroquial de Noordwijk, Holanda:

Para a Anja não havia palavras para o que está para além do horizonte da nossa existência. Apesar de procurarmos muito na Bíblia, não encontramos nenhum texto. Mesmo o antigo livro de Eclesiastes, sobre a alternância dos tempos na história e nas próprias vidas das pessoas, não ofereceu um apoio que condissesse com ela. Mesmo assim, eu poder estar aqui hoje, mostra como a Anja queria dar espaço ao início e ao fim e ao ininteligível da nossa existência. O que é um ser humano mais do que *dust in the wind*,<sup>11</sup> poeira no vento da história secular? O que deixo ficar ... quem serei depois de ter sido? A Anja deixa memórias, uma vida que nos tocou, que partilhámos e que teremos muitas vezes presente.

---

<sup>11</sup> Referência a Dust in the wind, canção de Kansas, uma das músicas escolhidas pela Anja para a celebração de despedida : <http://www.youtube.com/watch?v=tH2w6Oxx0kQ>.

“Para onde vou e o que vem depois? Eu não tenho ideia”, disse Anja num curto texto que também foi lido pelo padre na celebração: “Durante o período da minha doença experimentei o que realmente importa na vida. São as pessoas que se preocupam contigo, a sua compaixão para contigo, pessoas com quem se pode rir e brincar e que ficam ao teu lado quando as coisas se tornam difíceis.” “Quem tem *mercy on us*”? “*Friends have mercy*”. Numa das músicas<sup>12</sup> escolhidas por ela para a celebração encontramos esta “fê”:

*And someday in the mist of time  
when they asked me if I knew you  
I'd smile and say you were a friend of mine  
and the sadness would be lifted from my eyes*<sup>13</sup>

Quero dedicar as linhas deste meu texto à Anja, que não acreditou em *GOD*. Que não recorreu ao Outro “metafisicamente desejado”, mas que na sua vida incluiu muitos “outros” no seu afeto, com uma humanidade luminosa, através da qual *GOD* se pôde manifestar, mesmo nunca sendo nomeado.

### *Can we be good without God?*

Where there is charity and loving friendship, there is God

Não delegar a responsabilidade (Levinas) é também uma questão de justiça. Com a ideologia do *Just do it* “estamos a viver tempos difíceis (...) difíceis para a justiça e a racionalidade, para a solidariedade e para a compaixão, para a fraternidade e para a humanidade”, escreve Luciano Manicardi no seu livro *A Caridade dá que fazer* (2011: 18). O autor revisita as “obras da misericórdia” a partir de uma caridade da *razão* precisamente para não reduzir caridade a sentimento ou a uma vaga piedade: caridade é o sentido do outro e, portanto, dos seus direitos enquanto ser humano” (Manicardi, 2011: 20). Manicardi refere a encíclica *Deus caritas est* em que Bento XVI afirma que “o amor – caritas – será sempre necessário, até na sociedade mais justa” porque “haverá sempre sofrimento que precisa de consolação ou de ajuda” (idem; 36). A misericórdia dá que fazer, consiste em “boas ações a realizar”, mas antes disto em “atitudes boas nas quais “habitar”, nas quais caminhar” (idem: 66). Como cultivar estas atitudes?

Encontrei um artigo no arquivo de Maria de Lourdes Pintasilgo com esta pergunta: “Can we be good without God?” Ao lado ela escreve a sua resposta: “No”. Sem mais. Nem uma frase sublinhada, nem algures um ponto de exclamação. O texto está publicado em *The Atlantic Monthly* de dezembro de 1989 por Glenn Tinder (69-85), com o subtítulo “On the political meaning of Christianity”. O artigo está consultável *online* em seis páginas.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> Alon Parsons Project. *When I am old and wise*: <https://www.youtube.com/watch?v=NLtFsiOFn-4>.

<sup>13</sup> E um dia na névoa do tempo/quando eles me perguntaram se te conhecia/sorri e disse que era uma amiga tua/ e a tristeza seria tirada dos meus olhos.

<sup>14</sup> <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1989/12/can-we-be-good-without-god/306721/>.



Traduzo alguns excertos<sup>15</sup> para português com a pergunta subjacente se a não referência a *GOD* aumenta o perigo do *Just do it?*

Não podemos desistir do Deus cristão – e da transcendência que tem outros nomes noutras religiões – e continuar como dantes. Leva também ao abandono da moral cristã. (...) Muitos gostariam de pensar que não há consequências – que podemos continuar a valorizar a vida e o bem-estar, os direitos civis e a autoridade política, de cada pessoa, sem acreditar num Deus que torna tais atitudes e conduta convincentes. (...)

Todos nós conhecemos muitas pessoas que não acreditam em Deus e que mesmo assim são decentes e admiráveis. As sociedades ocidentais, sendo altamente secularizadas, mantêm muitas características humanas. Nem mesmo tacitamente a nossa máxima dominante e única se transformou no que Dostoiévski pensava que ia acontecer se negássemos o Deus-homem: “Tudo é permitido”. A razão disto pode ser, no entanto, que os costumes e hábitos formados durante séculos cristãos impedem as pessoas de professar e de agir a partir de tal máxima, mesmo que fosse lógico fazê-lo. Se for esse o caso, a nossa posição é precária, porque os bons costumes e hábitos precisam de bases espirituais, e se estas faltarem eles vão, aos poucos, ou talvez de repente durante alguma crise, desmoronar. Até que ponto estamos agora a viver à custa de economias morais acumuladas ao longo de muitos séculos, mas que não estão a ser realimentadas? Até que ponto essas economias já estão severamente dizimadas?

Cada vez mais somos informados pelos agentes de publicidade, conselheiros e outros fornecedores de sabedoria popular que temos o direito de comprar as coisas que queremos e viver como quisermos. Deveríamos ser prudentes e previdentes, talvez (embora mesmo essas virtudes modestas não sejam muito enfatizadas), mas em última instância não estamos sujeitos a nenhum padrão que não seja o autointeresse. Se o niilismo é mais evidente na vida dos destruidores devassos como Hitler, está no entanto, também presente na vida das pessoas que vivem apenas como os prazeres e as conveniências ditam.

Será que vivemos à custa das referidas “reservas morais” a ilusão de que é possível *to be good without God* e que estas reservas se irão esgotar inevitavelmente?

Falei com o meu amigo Hans Opschoor<sup>16</sup> sobre esta questão. Tal como eu, **não** responderia “NO”. Tinha acabado de publicar em dezembro de 2013 um texto intitulado “Valores ou poder de compra. Não se pode servir a Deus e ao Dinheiro”<sup>17</sup>. Pergunta:

---

<sup>15</sup> “We cannot give up the Christian God—and the transcendence given other names in other faiths- and go on as before. We must give up Christian morality too. (...) Many would like to think that there are no consequences—that we can continue treasuring the life and welfare, the civil rights and political authority, of every person without believing in a God who renders such attitudes and conduct compelling.

We all know many people who do not believe in God and yet are decent and admirable. Western societies, as highly secularized as they are, retain many humane features. Not even tacitly has our sole governing maxim become the one Dostoevsky thought was bound to follow the denial of the God-man: “Everything is permitted.” This may be, however, because customs and habits formed during Christian ages keep people from professing and acting on such a maxim even though it would be logical for them to do so. If that is the case, our position is precarious, for good customs and habits need spiritual grounds, and if those are lacking, they will, gradually or perhaps suddenly in some crisis, crumble. To what extent are we now living on moral savings accumulated over many centuries but no longer being replenished? To what extent are those savings already severely depleted?

Again and again we are told by advertisers, counselors, and other purveyors of popular wisdom that we have a right to buy the things we want and to live as we please. We should be prudent and farsighted, perhaps (although even those modest virtues are not greatly emphasized), but we are subject ultimately to no standard but self-interest. If nihilism is most obvious in the lives of wanton destroyers like Hitler, it is nevertheless present also in the lives of people who live purely as pleasure and convenience dictate.”

<sup>16</sup> Hans Opschoor é professor emérito de economia e ambiente da Vrije Universiteit de Amsterdão e do Institute of Social Studies na Haia.

<sup>17</sup> [http://www.ekkesialeiden.nl/publicaties/HN/hn\\_dec\\_2013.pdf](http://www.ekkesialeiden.nl/publicaties/HN/hn_dec_2013.pdf).

Porque é que, apesar dos esforços de muitas pessoas durante muito tempo, ainda não conseguimos construir uma sociedade robusta, sustentável e inclusiva em países como o nosso? E, não menos importante: onde podemos encontrar a espiritualidade para continuarmos a empenharmo-nos na mudança tão desejada das estruturas sociais?

Hans, educado na tradição protestante liberal, considera-se “a-crente” e indicou-me o livro *Namorar com Deus. Religiosidade sem fé*, da autoria de Koert van der Velde, professor de ciências religiosas na Vrije Universiteit de Amsterdam e jornalista. A tese de van der Velde é que a incapacidade de acreditar em Deus aumentou, mas que o desejo religioso continua a existir e até a aumentar. Ele próprio também não acredita em Deus, definindo-se com *a-crente*, mas sente um desejo religioso que o motivou a realizar a sua investigação com o objetivo de “encontrar um caminho passável” (Velde, 2011: 8). Define religiosidade como “todas as experiências, sentimentos, atitudes e ações que antigamente estavam relacionadas com representações religiosas. Inclui, além da experiência religiosa também comportamentos diretamente relacionados, como participar em rituais, como uma oração e outros atos simbólicos” (idem: 6). No fim do seu estudo pergunta: “Será que a religiosidade que parte de uma base *a-crente* constitui a fase seguinte do processo de evolução em que as religiões se transformam e se desenvolvem de maneiras novas? Ou não há nada de novo debaixo do sol?” (idem: 398). Partilhei algumas das suas ideias com Anja, dado o seu desejo de ter uma celebração na Igreja e não num outro lugar. Não se identificou com as ideias de van der Velde.

Onde encontrar uma espiritualidade ou uma “fé” que nos motive a sermos *GOOD*, mesmo sem referência a *GOD*?

### **Crentes e não-crentes-em-Deus - qual a “fé” que nos pode unir numa cidadania mundial?**

O não crente-em-Deus Carlos Strenger (2011: 171) afirma: “Devemos ser capazes de nos maravilharmos perante a diversidade de ficções criadas coletivamente para dar sentido à vida humana (...)”. E desafia-nos com alguns “ingredientes” para “um sistema de sentido estável que organiza os nossos valores”: “Restringir a vida ao essencial” (idem: 170) e “Pensar nas Questões Essenciais” (idem: 200); “Pluralismo Não Relativista” (idem: 192); “Reestabelecer o valor da Procura Intelectual”. Propõe um modelo para todas as ideologias e crenças que intitula como “desdém civilizado” em que o sentimento de superioridade é substituído pelo riso (idem: 223).

Propõe uma coligação de visões de mundo abertas para podermos viajar em direção a uma cidadania mundial e ventila a sua hipótese que é a de existirem “dois tipos fundamentais de visões de mundo: a visão de mundo aberta que aceita que os seres humanos nunca podem ter certezas definitivas e absolutas, e a visão de mundo fechada, que reclama para si a verdade última e a solução definitiva para todos os problemas humanos” (idem: 241).

Numa perspetiva de visão do mundo cristã, aberta, fiquei inspirada por um artigo de Juan A. Estrada “Jesus e Deus” publicado em *Quem foi Quem é Jesus Cristo* (2012), coordenação de Anselmo Borges. Partindo da constatação da perda da referência a Deus na sociedade e cultura atuais, afirma: “O contexto da fé mudou e surgiu uma nova sensibilidade que torna obsoletas muitas das velhas respostas teológicas” (Estrada 2012: 129). E que “passamos de uma metafísica do ser a uma do devir e da mudança” e que “a nossa demanda da salvação mudou. (...) “A busca humana já não se centra numa salvação para lá da morte, ainda que a morte continue a ser uma interrogação e um problema, mas numa religião que possa potenciar o ser humano para a história e o presente” (idem: 130). Propõe fazer uma leitura da vida de

Jesus menos condicionada pela perspectiva da morte e ressurreição mas antes partir da vida de Jesus terreno. Propõe partir não da cristologia, mas da “jesulogia, isto é, a teologia sobre o que disse e fez Jesus” (idem: 131).

A vida de Jesus tem sentido em si mesma, e não só por ter ressuscitado. (...) Poderíamos afirmar que, mesmo que não houvesse outra dimensão da vida, para lá da morte, mesmo que a imortalidade e a ressurreição fossem uma ilusão utópica do ser humano, vale a pena a imitação e o seguimento de Jesus. (...) Dever-se-ia radicalizar o significado salvador da sua vida. (idem: 143)

A partir da revisão das cristologias “seria necessário sublinhar o significado de Jesus para o próprio ateísmo humanista” (idem: 147). E por fim: “Não sabemos como é Deus, se o separarmos da humanidade de Jesus, que é o que ilumina o que e como é Deus” (idem: 148).

Esta busca constante de humanidade tem alguns “ingredientes espirituais” incontornáveis, tanto para crentes, como para não crentes em Deus: focalizar no Amor ou Afeto Inclusivo; ser “canal” de Luz, fonte da vida. Passa por uma “decisão” de abertura, por um compromisso na ação e por uma expressão em palavras que nos vem das tradições em que nos inserimos ou das quais somos “fruto”, palavras que redizemos, linhas que reescrevemos, tarefas infinitas.

O que deveria poder unir crentes e não crentes em Deus é um empenho num trabalho para um mundo justo, através de uma humanidade que ilumina. Crentes em Deus recorrem ao “Outro metafisicamente desejado”, referido por Fernanda Bernardo na nota de apresentação “Deus escreve direito por linhas tortas ...” que introduz o livro *Deus, a Morte e o Tempo* de Emmanuel Levinas. Mas todos/as nós, crentes, não crentes, a-crentes, agnósticos, teístas ou ateístas (importa a classificação?) “nos alimentamos” do “outro”, do qual “a alteridade é reabsorvida na própria identidade”, (ou como sugere Huub Oosterhuis: *Tu que me fazes ser eu*<sup>18</sup>) como também do “pão que se come, do país no qual se habita, da paisagem que se contempla”, como do ‘eu-outro’ que habita em cada um/a de nós. (Bernardo, 2012: 8). Ou, como diz a Teresa Toldy: “a história e a vida são feitas de pequenas-grandes coisas (...) daquelas que se nos agarram à pele e ao corpo, desenhando o mapa de quem somos, em relação com aqueles que amamos” (2013: 155-156). O que importa é tentar sintonizarmo-nos na ação, reaprendendo e reorganizando práticas, alimentando-nos eticamente do *GOOD*, que pode também ser *GOD* para quem isto faz sentido. Alguém terá *mercy on us*? Deus? “Deus deve funcionar. De tal maneira que se transforme num *verbo*” dizia Carter Heyward: ‘ I god (...) we god’.” Será que vamos conseguir deusar, sintonizar inspirados/as pelo *GO[O]D*?

### Das Tarefas Infinitas: SINTONIZAR

Em outubro de 2012, mais ou menos 25 anos depois do projeto MODELO, aterrei de novo “sã e salva” na Golegã, no acima referido **Programa Raízes, Chão e Horizontes - Círculos e Percursos de Literacia Criativa e Recíproca**. Durante o ano letivo de 2012-2013 um grupo de 10 professoras e outros profissionais da Golegã, Santarém e Abrantes participaram neste programa no Centro do Graal. Durante reuniões mensais e um workshop com um grupo

---

<sup>18</sup> Oosterhuis, Huub (2008). *Jij die mij ik maakt. (Tu que me fazes ser eu)*. Kampen: Ten Have.

alargado foi feita uma investigação temática e inventariámos um conjunto de problemas que têm muito a ver com a ideologia **Just Do It** do sistema *Infotainment*. Nos realces 2 ficam alguns dos registos deste levantamento:

**Realces 2: Registos da inventariação temática no Programa Raízes, Chão e Horizontes - Círculos e Percursos de Literacia Criativa e Recíproca.**

*Perspetiva do mundo global em cifrões. Libertinagem; adaptação à moda; falta de formação interior. Valorização do individual pelo individual; não há consciência; as coisas não são refletidas. Trata-se de forma igual o que é diferente. O vazio.*

*Pais não têm tempo para filhos. Abandono das crianças; tempo nulo com os pais. Perda de contato afetivo com os pais. Crianças não sabem viver com o “não”; pais dizem a tudo que sim. Cada um/a faz o que quer; falta de sentido de dever (faz parte da matriz). Ser mãe é um prazer imediato; não há alteridade; é muito permissiva com a criança.*

*Reprodução da família (aparência social; papéis estereotipados rapazes e raparigas)*

*A Escola: é preciso tirar rendimento da Escola; estamos a destruir o nosso país. Apatia; Má educação; Crianças não conhecem o mundo; fuga a tudo que é chato; nada as comove.*

Em janeiro de 2013 constatámos que “estamos no fim de um ciclo, que vivemos numa panela de pressão, que é preciso preparar e viver um novo ciclo” e perguntámo-nos: Estamos preparados/as para uma nova política e para participar em redes de partilha. Para que novas soluções? É preciso reaprender a organizar.

Hans Boutelier, professor catedrático de Segurança e Cidadania na Vrije Universiteit de Amsterdão, propõe pistas de reorganização numa “Sociedade de Improvisação” (2011). A improvisação constitui o caminho de ordenamento social num mundo sem fronteiras. A arte da improvisação implica sintonização como num concerto de música jazz. É preciso definir bem os papéis, a cooperação não faz sentido se toda a gente faz a mesma coisa. O ordenamento social, que permita a continuidade da sociedade, desenvolve-se numa multiplicidade de práticas e terá de ser construído a partir da complexidade em que horizontalidades e verticalidades estruturam o espaço. Implica lideranças leves, mas também uma ética que vai balizando as diversas improvisações e sintonizações. São ainda características deste tipo de sociedade: a espontaneidade introduzida numa estrutura organizativa no momento certo; a identidade em relação a uma tradição; os conhecimentos e as competências com o objetivo de poder haver mais “excelência”; a capacidade de criar um sentimento de comunidade.

Em junho de 2013 os problemas inventariados e relacionados com a violência na linguagem, com a valorização do individual pelo individual, com a permissividade e a falta de sentido de dever, com a falta de diálogo e de tolerância intergeracional e intercultural, temas estruturantes da participação cívica ativa e consistente numa perspetiva de cidadania mundial, levaram-nos à formulação do também já acima referido projeto **Encontro com o Outro: Afeto Inclusivo e Cidadania Ativa**, com o objetivo de tirar mais rendimento da Escola através de dinâmicas de educação não-formal em contextos da Comunidade Educativa Local. Pretende-



se desenvolver o tecido social do concelho da Golegã nos seus componentes humanos e culturais, tendo como ponto de partida a comunidade escolar. Terá uma especial incidência nas questões do “afeto inclusivo” e “arte cidadã”<sup>19</sup> – conceitos teóricos a explorar e reconceptualizar a partir de um trabalho experimental em oficinas de arte cidadã com jovens e workshops com adultos.

Como já referi noutros lugares e textos publicados, “o afeto inclusivo é constituído por um movimento de expansão de afeições em que nos deixamos aspirar por desejo e decisão nossa, para círculos cada vez maiores de afeto, por necessidade do nosso próprio ser-em-devir e o de outros seres humanos à nossa volta” (Koning: 2009). Prende-se com “o amor enquanto justiça atualizada” de Carter Heyward, “algo que está ao alcance de toda a gente” e que precisa de ação. Talvez possa constituir uma prevenção contra o modelo de “desdém civilizado” de Sterner. Incluir o/a outro/a tão outro, com tudo que é e pensa antes que seja preciso a gente rir-se dele/a.

Foi um outro amigo muito querido, Piet Terhal,<sup>20</sup> com quem falei sobre o novo projeto, que me sugeriu ler um livro de Wil Derkse, sobre a espiritualidade Beneditina, um livro com ideias preciosas que podem inspirar formas de viver e trabalhar “fora dos muros do convento”. Neste livro Derkse refere os “imperativos transcendentais” do filósofo canadiano Bernard Lonergan. Transcendentais no sentido de serem válidos em todos os lugares e tempos. Imperativos porque é preciso cumprir tarefas, trabalhar, agir, daí serem apresentados com pontos de exclamação. São eles: “Be attentive!; Be intelligent!; Be reasonable!; Be responsible!; Be in love!” (Derkse, 2003: 37-38). São imperativos importantes para nos proteger da ideologia do *Just do it*.

A visita à exposição *Tarefas infinitas* em 2012 na Gulbenkian foi para mim uma experiência “estruturante”. As razões prendem-se com a própria ideia de “tarefas infinitas” (uma expressão de Husserl). Este infinito simboliza-se, para mim, nesta imagem de uma das obras expostas:

“Cette ligne qui parcourt les mémoires de nos temps vivants est une œuvre d’art”, Alberto Carneiro.

A linha de uma vida estica-se até se estender do princípio ao fim da sua visibilidade. Começa na margem da primeira página, acaba na margem da segunda, sugerindo que vem do que era antes e que desaparece no “mist of time” que virá depois. Simboliza a participação de

---

<sup>19</sup> **Arte cidadã.** A Arte cidadã é uma arte com raízes locais, construída numa perspetiva de mobilização da participação nas comunidades a partir de materiais de desperdício e materiais naturais e com respeito pelos recursos naturais e da arte produzida na zona, incluindo o artesanato. A arte cidadã procura contribuir para o aumento da qualidade de vida e da coesão social. Faz um apelo à imaginação, alarga horizontes e pretende tocar as pessoas, fazendo-as descobrir que conseguem fazer mais e melhor do que pensam, dando cor à vida e fazendo acontecer coisas inesperadas. A arte cidadã orienta-se numa perspetiva colectiva em que todos participam e se valoriza sobretudo o processo. O produto final é mais do que os diferentes “produtos” individuais porque é fruto da interação entre os indivíduos (numa perspetiva de *intervisão*) e destes com o meio imediato numa perspetiva transformadora. (In Formulário da Candidatura do Projeto Encontro com o outro: afeto inclusivo e cidadania ativa. Graal, 2014).

<sup>20</sup> Piet Terhal, economista do desenvolvimento na Universidade Erasmus de Roterdão. Fez uma extensa pesquisa sobre o desenvolvimento na Índia, focando perspetivas para o desenvolvimento global de longo prazo com base na obra de Teilhard de Chardin: *World inequality and evolutionary convergence: a confrontation of the convergence theory of Pierre Teilhard de Chardin with dualistic integration* (1988). Está a finalizar uma publicação sobre Teilhard de Chardin e Jan Tinbergen, prémio Nobel de economia em 1969.

cada ser humano nas tarefas infinitas. Somos parte muito finita, mas parte de uma história infinita.

No preâmbulo do catálogo, Paulo Pires do Vale (2012) explica como Husserl tem inspirado o título da exposição. Aqui apenas reproduzo a seguinte ideia: “(...) só em permanente reflexão se pode atingir o objetivo, sempre em ultrapassagem. (...) A tarefa abre-se ao que a antecede e a ultrapassa. Ao que foi e ao que virá. (...) O trabalho verdadeiramente humano e a história, são agora, um processo sem fim, como uma finalidade sempre inalcançada” (Pires do Vale, 2012: 16-17).

O infinito “adentra” qualquer finito, qualquer vida, qualquer pessoa, com ou sem referências explícitas de fé-em-Deus.

A ideia de nómada, que me tem “orientado” nas minhas “viagens”, segue linhas projetadas em círculos que não se sobrepõem completamente, mas quase. Ser nómada sugere que o modelo de aprendizagem só pode ser cíclico. Recorrer à imagem do círculo exprime a ideia de que temos de passar muitas vezes pelo mesmo lugar para aprender. O revisitar o “mesmo”, cada vez com um olhar diferente, alimentado por novas experiências e aprendizagens, permite aprofundar o conhecimento e irmos construindo a nossa identidade.

Neste texto tentei “esticar” em linhas escritas alguns círculos de um percurso nómada através de experiências e textos. Linhas insignificantes, apenas um “ponto” na imensidão do processo sem fim que me antecede e ultrapassa. Agora tenho de as “soltar”, “largar”, voltar ao espaço em branco da página ainda aberta, traçando novos círculos nómadas, apanhar a “próxima caravana” que já se aproxima no horizonte (Koning, 2006: 208), para com outras e outros companheiros/as continuar a viagem de aprendizagem, andar pelas estradas com um olhar de ver, ir ao encontro do outro e ter *mercy*, sintonizar numa “fé” que nos une no trabalho para um mundo justo, sempre em construção. Tendo presente que de um momento para outro vá “perder tudo” e “nada mais vá terminar” (van Schagen, 2008: 51).

### O direito de morrer, reflexões breves posteriores

A Eutanásia, a boa morte, morte sem dor, com o objetivo de pôr termo a um sofrimento insuportável, tem sido um tema de muita reflexão e a terminologia para descrever a morte decidida por vontade própria, com ou sem intervenção médica, varia, como vemos a seguir. Já Ivan Illich fazia a distinção entre “morte natural” e “morte técnica” e nos anos 90 do século passado apareceu o termo “*makeable death*” (Achterhuis, 2013: 199). Há quem fale de “auto-eutanásia” no quadro geral da “boa morte” (idem: 198).

### Com Desmond Tutu – sobre a morte assistida

“Uma morte digna é um direito nosso. Eu sou a favor da morte assistida”, escreve o Bispo Desmond Tutu no jornal Britânico *The Observer* de 12 de julho 2014. A forma da morte prolongada do seu amigo Nelson Mandela foi uma afronta para ele e afirma: “Eu passei a minha vida trabalhando pela dignidade para os vivos. Agora eu gostaria de me empenhar na questão da dignidade para a morte”. Traduzi uns excertos das sábias palavras do bispo da Igreja Anglicana:

Eu próprio estou agora mais perto do meu fim. Morrer faz parte da vida. Nós temos que morrer. A terra não pode sustentar-nos e os milhões de pessoas que vieram antes de nós. Temos que abrir caminho para aqueles que ainda estão por nascer. E uma vez que morrer faz parte da vida, falar sobre isso não deve ser um tabu. As pessoas devem ter uma morte digna. Para mim, isso significa ter tido conversas com as pessoas que se cruzaram comigo na vida e estar em paz.

O que constitui a qualidade de vida e a dignidade ao morrer? Estas são grandes e importantes questões. Vim a perceber que não quero que a minha vida seja prolongada artificialmente. Acho que quando são

precisas máquinas para ajudar a respirar, então temos que fazer perguntas sobre a qualidade de vida a ser vivida e sobre a forma como o dinheiro está a ser gasto. Isso pode ser difícil para algumas pessoas aceitarem.

Há quem opine que com um bom cuidado paliativo, não há necessidade da morte assistida, não há necessidade de ser dada legalmente uma dose letal de medicação. Eu acho que muita gente ficaria decepcionada se eu dissesse que queria a morte assistida.

No continente africano é um privilégio morrer como uma pessoa idosa. (...) Precisamos de uma mudança de mentalidade nas nossas sociedades. Precisamos de pensar. Precisamos de questionar. O que é a vida? E não faz a morte parte de vida - uma parte natural da vida? " (Tutu: 2014)

### Com Hans Küng – sobre o suicídio assistido

Hans Küng não fala em “morte assistida”, mas em “suicídio assistido”. Numa reportagem de Gregorio Romeo, publicada no HuffingtonPost.it no dia 8 de outubro de 2013, o professor emérito de teologia de **Tübingen, sofrendo da doença de Parkinson, afirma o seguinte:**

Ninguém deveria ser obrigado a tolerar sofrimentos insuportáveis como se fossem enviados por Deus. Cada um tem o direito de decidir por si mesmo, e nenhum padre, médico ou juiz pode impedi-lo.

E num texto publicado no jornal *La Republica* no dia 2 de outubro do mesmo ano podemos ler:

O que resta de um estudioso que não é capaz de ler e de escrever? Eu não quero continuar vivendo como uma sombra de mim mesmo. Uma pessoa tem o direito de morrer se não tem mais nenhuma esperança de continuar a viver de modo humano segundo a sua concepção pessoal (Küng: 2013).

### Entre quatro parábolas

José Frazão Correia (2013: 30-36) fala da nossa liberdade que se vai construindo “entre quatro parábolas”: (1) “a graça da origem”, em que a vida se apresenta entre “dom extraordinário” e “tarefa muito exigente”; (2) a “realização efetiva da liberdade” que nos situa “no horizonte das possibilidades a realizar”. (“Não somos apenas herdeiros (...) Não somos só citação. Somos, também, escritores de um texto inédito.”); (3) a “grandeza de se ser interpelado” e (4) o “desconhecido de uma existência”, em que “os cumes mais elevados do humano” se refletem “nos abismos mais profundos”, o reino dos “arquetipos” e do “conhecimento das coisas que não se podem exprimir”. Assim, a “altura incondicionada que transcende e interpela” cruza-se com a “profundeza indecifrada” (...) “do possivelmente fecundo da existência, quando resgatado dos seus abismos de morte”. Ou com as palavras de James Hillman (1966: 60): “Death and existence (...) are not psychological contraries”, porque é *tarefa infinita* resgatar a vida da morte, mas também aceitar a morte quando a vida já não possui a capacidade de interpelar.

### Com James Hillman – sobre o suicídio

Não traduzo, apenas transcrevo deste psicoterapeuta uns excertos do seu livro *Suicide and the Soul* (de 1965, 1997, reimpresso em 2011), para destacar alguns aspectos do impacto do suicídio nos “outros” que não conseguiram acompanhar uma pessoa que decidiu inesperadamente matar-se.

Universal and ageless, suicide is archetypal; yet how we regard it is framed by time. (...) Since we are each in a silent therapy with ourselves, the issue of suicide reaches in the heart of each of us (p. 192).

Em que consiste esta terapia silenciosa que fazemos com nós próprios/as? Algumas ideias *retrieved* do texto do autor:

Life and death come into the world together (...). *The moment I am born I am old enough to die. As I go on living I am dying* (p.59). Death and existence may exclude each other in rational philosophy, but they *are not psychological contraries* (p.60). And as the body's tissue is renewed, so is the soul regenerated through death experiences. Therefore, working at the death problem is both a dying from the world with its illusory sustaining hope that there is no death, not really, and a dying into life, as a fresh and vital concern with essentials (p.61).

*Death cannot be put off to the future and reserved for old age. (...) Organic death has absolute power over life when death has not been allowed in life's midst* (p.62).

As experiências de morte, morte-que-acontece (por causa de doenças e acidentes) e morte – “escolhida” pelo suicídio (assistido) de pessoas próximas, podem abrir, para quem fica, possíveis brechas-de-intensificação-da-vida, por ser um-morrer-doloroso-para-dentro-da-vida que pode conduzir a uma adesão a “coisas essenciais”. Segundo Hillman assim a nossa alma se regenera.

Hillman introduz umas perspectivas fundamentais para podermos acompanhar “com sentido” o suicídio (assistido) de alguém. O suicídio assistido distingue-se do suicídio por ser uma decisão tomada, em geral com (o apoio de) outras pessoas. Os outros “participam”, o ato tem lugar numa “comunidade”. Hillman defende que também o suicídio devia poder ser vivido assim:

The “world” of “others” must be brought into the decision, not deliberatively and literally, but ritually and symbolically. (...) The world must bear witness. (...) The task of these others is ritual, (...) so that death cannot be privatized (...) the aloneness has been overcome by the ritual (p.199).

A morte não pode ser experienciada, porque nunca é minha. O que pode ser vivenciado são experiências da morte do “outro”. “Tu que me fazes ser eu” deixou de ser, na morte do outro, o “tu” com quem falava. A morte só pode ser experienciada pelos vivos enquanto rutura irreversível de comunicação. Pode ser narrada e podemos recorrer às palavras que o “outro” nos deixou, tentando reconstruir assim a comunidade e ritualizar a perda. É o que tenta fazer Huub Oosterhuis, autor do livro “Jij die mij ik maakt” (“Tu que me fazes ser eu”) (2008: 28 -29):

Ela era jornalista. Às vezes, ao domingo, ia à igreja e cantava: “ainda não tinha nascido ...”. Procurava as suas raízes judaicas, a amizade e deus sabe o que mais. No dia 15 de maio de 1997, morreu, com trinta e seis anos de idade. Não vivia de forma fácil – “até onde vai a noite” escreveu no seu diário no início daquele ano. (...) Porque saltou para debaixo do comboio. Ela, que gostava tanto da língua, de poemas, de escutar os outros? (...) Sentia-se só? Não gostava mais de si-própria? O que é isso - gostar de si-própria? Neste dia 15 de maio ainda enviou um postal a uma amiga com algumas palavras de um poema de Jan Engelman:

*Atrás do firmamento/ existe a luz que tudo conhece*



## Referências Bibliográficas

Achterhuis, Hans; Steenhuis, Peter Henk (2013), *Tegen-Denken*. Rotterdam: Lemniscaat.

Anbeek, Christa; Jong, Ada de (2013a), *De berg van de ziel. (A montanha da alma)*. Utrecht: Uitgeverij Ten Have.

Anbeek, Christa (2013b), *Aan de Heidenen overgeleverd. Hoe de theologie de 21ste eeuw kan overleven. (Entregues aos Pagãos, Como a teologia pode sobreviver ao século 21)*. Utrecht: Uitgeverij Ten Have.

Berk, Tjeu van den (1999), *Mystagogie. Inwijding in het symbolisch bewustzijn. (Mistagogia. Iniciação na consciência simbólica)*. Zoetermeer: Uitgeverij Meinema.

Bernardo, Fernanda (2012), “Deus escreve direito por linhas tortas...”, in Emmanuel Levinas, *Deus, a Morte e o Tempo*. Lisboa: Edições 70, 7-27.

Boutelier, Hans (2011), *De improvisatiemaatschappij. Over de sociale ordening van een onbegrensde wereld. (A sociedade de improvisação. Sobre o ordenamento social de um mundo sem fronteiras)*. Den Haag: Boom Lemma uitgevers.

Derksen, Wil (2003), *Een levensregel voor beginners. Benedictijnse spiritualiteit voor het dagelijks leven. (Uma regra para iniciantes. Espiritualidade Beneditina para o dia-a-dia)*. Tiel: Lanoo.

Estrada, Juan A. (2012), “Jesus e Deus”, in Anselmo Borges (Coord.), *Quem foi Quem é Jesus Cristo*. Lisboa: Gradiva, 147-148.

Frazão Correia, José (2013), *A Fé vive de afeto. Variações sobre um tema vital*. Prior Velho: Paulinas Editora.

Heijst, Annelies van (1990), “De theoloog als spoorzoeker” (O teólogo a procura de pistas). *Bazuin*, 5-9.

Hillman (1997), *Suicide and the soul*. Canada: Spring Publications [primeira edição 1965].

Kok, Anneke de (1988), “God als de kracht-in-relatie” (Deus como a força-na-relação), *Bazuin*, 10-12.

Koning, Marijke de (2006), *Lugares emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Edições Afrontamento.

Koning, Marijke de (2009), *Afecto Inclusivo. Persistências do Cuidar no Século XXI. Comunicação apresentada no Ciclo Internacional de Conferências A Dimensão do Cuidar na Re-significação do Espaço Público*, no dia 26 de Junho na Universidade de Évora e posteriormente publicada pela Fundação Cuidar O Futuro.

Küng, Hans (2013), *De Bento a Francisco: assim renasceu a minha esperança na Igreja*, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/524348-de-bento-a-francisco-assim-renasceu-a-minha-esperanca-na-igreja-artigo-de-hans-kueng>.

- Levinas, Emmanuel (2012), *Deus, a Morte e o Tempo*. Lisboa: Edições 70. [1ª edição 1993]
- Manicardi, Luciano (2011), *A Caridade dá que fazer*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Oosterhuis, Huub (2008), *Jij die mij ik maakt (Tu que me fazes ser eu)*. Kampen: Uitgeverij TenHave.
- Opschoor, Hans (2013), “Waarden of koopkracht. Je kunt niet God dienen en Mammon” (Valores ou poder de compra. Não se pode servir a Deus e ao Dinheiro), *Hooglandse Nieuwe*, 8-10.
- Pires do Vale, Paulo (2012), “Preâmbulo”, in *Tarefas Infinitas. Quando a arte e o livro se ilimitam*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Strenger, Carlo (2011), *O medo da Insignificância. Como dar sentido às nossas vidas no Século XXI*, Lisboa: Lua de Papel.
- Tinder, Glenn (1989), “Can we be good without God? On the political meaning of Christianity”, *The Atlantic Monthly*, 69-85.
- Toldy, Teresa (2013), “A religião tem corpo”, in Fernanda Henriques e Teresa Toldy (Org.). *Quem me tocou? O corpo na simbólica religiosa. Contributos das teologias feministas*, disponível em [http://media.wix.com/ugd/a522c5\\_73d3c2c9f2f046398adf4f625fdb4d91.pdf](http://media.wix.com/ugd/a522c5_73d3c2c9f2f046398adf4f625fdb4d91.pdf).
- Gregorio, Romeo (2013), “Hans Küng e a eutanásia: teólogo suíço pode escolher o suicídio assistido”, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/524555-hans-kueng-e-a-eutanasia-teologo-suico-pode-escolher-o-suicidio-assistido>.
- Schagen J. C. van (2008), *Ik ga maar en blijf (Apenas vou e fico)*. Amsterdam: Uitgeverij G.A. van Oorschot.
- Strenger, Carlo (2011), *O medo da insignificância. Como dar sentido às nossas vidas no Século XXI*. Alfragide: Lua de Papel.
- Tutu, Desmond (2014), “A dignified death is our right – I am in favour of assisted dying”, disponível em <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/jul/12/desmond-tutu-in-favour-of-assisted-dying>.
- Velde, Koert van der (2011), *Flirten met God. Religiositeit zonder geloof. (Namorar com Deus. Religiosidade sem fé)*. Utrecht: Uitgeverij Ten Have.

## “... Que não haja indigentes entre vós”

**Maria Carlos Ramos,**<sup>1</sup> Graal  
mc\_ramos55@hotmail.com

**Resumo:** A autora faz uma aproximação à situação de crise e de injustiça social existente no presente, em Portugal, a partir de textos bíblicos, como instância crítica de análise da situação.

Poderá encontrar a gravação em:

[http://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/maria\\_carlos\\_ramos.mp3](http://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/maria_carlos_ramos.mp3)

---

<sup>1</sup> Licenciada em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa. Membro do Graal Internacional.



Centro de Estudos Sociais  
Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

A Cescontexto é uma publicação online de resultados de investigação e de eventos científicos realizados pelo Centro de Estudos Sociais (CES) ou em que o CES foi parceiro. A Cescontexto tem duas linhas de edição com orientações distintas: a linha "**Estudos**", que se destina à publicação de relatórios de investigação e a linha "**Debates**", orientada para a memória escrita de eventos.

### CES

Colégio de S. Jerónimo  
Apartado 3087  
3001-401 Coimbra, Portugal  
T. +351 239 855 570  
F. +351 239 855 589  
[www.ces.uc.pt](http://www.ces.uc.pt)  
[ces@ces.uc.pt](mailto:ces@ces.uc.pt)

### CES - Lisboa

Picoas Plaza  
Rua do Viriato, 13  
Lj 117/118  
1050-227 Lisboa, Portugal  
T. +351 216 012 848  
F. +351 216 012 847  
[www.ces.uc.pt/ces-lisboa](http://www.ces.uc.pt/ces-lisboa)  
[ceslx@ces.uc.pt](mailto:ceslx@ces.uc.pt)

• U • C •

